

MARIA DE LOURDES HORTAS

“Reduzir a produção poética realizada nos anos 70 no Brasil à ‘geração mimeógrafo’ é caminhar apenas por uma das múltiplas veredas da poesia que então se escrevia e publicava em nosso país”.

Maria de Lourdes Hortas nasceu em São Vicente da Beira, Portugal, em 1940. Ainda criança, é carregada por sua família para o Recife, onde vive até hoje. Além de ter se tornado poeta e romancista, com diversos livros publicados e premiados, também foi diretora cultural do Gabinete Português de Leitura de Pernambuco, editora de revistas literárias e participante do movimento Edições Pirata (de 1980 a 1986).

Participante ativa da vida literária do Brasil, organizou, no final dos anos 70, uma importante antologia chamada *Palavra de mulher – poesia feminina brasileira contemporânea* (1979), em que reuniu 45 poetisas de diversos estados brasileiros. Tal livro é um importante achado de pesquisa hoje para que compreendamos melhor a produção poética de nosso país nos anos de chumbo, observando que havia uma grande ebulição literária fora do eixo Rio-São Paulo e que muitas mulheres já tomavam as rédeas de participação no espaço literário da época, seja escrevendo, editando ou divulgando outras mulheres.

As poetisas publicadas na antologia são: Adélia Prado, Alsina Alves de Lima, Ametista Nunes, Anilda Leão, Bruna Lombardi, Car-

melita Pinto Fontes, Celina de Holanda, Cleonice Rainho, Dayse Lacerda, Deborah Brennand, Elza Beatriz, Elizabeth Marinheiro, Estephânia Nogueira, Eunice Arruda, Fátima Girão Pinto, Giselda Moraes, Henriqueta Lisboa, Hilda Hilst, Ilka Brunhilde Laurito, Irene Dias Cavalcanti, Kátia Bento, Laís Corrêa de Araújo, Lara de Lemos, Lélia Coelho Frota, Lenilde Lima de Freitas, Lia Luft, Lourdes Sarmiento, Lúcia Ribeiro da Silva, Maria do Carmo Barreto Campello de Melo, Maria José Giglio, Maria de Lourdes Hortas, Maria da Paz Ribeiro Dantas, Marta Gonçalves, Mirella Márcia, Neide Archanjo, Núbia Marques, Olga Savary, Renata Pallottini, Sonia Guilliod, Sonia Queiroz, Stella Leonardos, Tereza Halliday, Tereza Tenório de Albuquerque, Yeda Estergilda, Zila Mamede.

Concedida a Priscila Nogueira Branco*, esta entrevista é um retorno aos anos 70, que nos concede a oportunidade de ouvir Maria de Lourdes Hortas comentar sobre o processo de organização da antologia, a produção poética da época e a eferescência do movimento de mulheres que incendiava o país.

* Mestre em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Priscila Nogueira Branco – *Quando pensamos na produção poética realizada nos anos 70 no Brasil, a fortuna crítica a que costumamos ter acesso gira em torno da “geração mimeógrafo”, conjunto de poetas que escrevia no eixo Rio-São Paulo, com estudos baseados na antologia de Heloisa Buarque de Hollanda, 26 poetas hoje, e da pesquisa realizada por Carlos Alberto Messeder Pereira sobre a poesia marginal. Ao descobrir a antologia organizada por você e publicada apenas três anos depois da antologia de Heloisa, abre-se um novo leque para refletirmos sobre a poesia escrita nos anos de chumbo. Por que você teve o impulso de organizar Palavra de mulher? Você conseguia perceber uma gama crescente de mulheres poetas escrevendo no Brasil naquela época (ou mesmo antes disso)?*

Maria de Lourdes Hortas – Reduzir a produção poética realizada nos anos 70 no Brasil à “geração mimeógrafo” é caminhar apenas por uma das múltiplas veredas da poesia que então se escrevia e publicava em nosso país. Todavia, para além da divulgação da produção poética impressa em mimeógrafo e distribuída pelos autores, havia muitos jornais literários, suplementos e revistas de literatura por esse Brasil afora.

Por que me veio o impulso de organizar *Palavra de mulher*?

Inicialmente, pensei em organizar uma coletânea com poemas meus e de mais duas ou três amigas, numa edição de autoras, porque era difícil, no Nordeste, ter acesso a editoras. Mas a ideia foi se ampliando. E você está certa na sua conjectura: de fato, me apercebi do grande número de mulheres escrevendo poesia no Brasil daquela época. Eu era uma delas. Então, me veio a vontade de ampliar a coletânea e reunir mulheres que escreviam poesia naquele momento, fazer uma panorâmica mesmo, com representantes de várias

estratosferas, mulheres com ideias as mais variadas, umas, ativistas do feminismo, outras não, embora todas estivessem no mesmo contexto, tempo/espaço, e por isso não coloquei o subtítulo “poesia feminista”, porque não cabia. Era *poesia feminina, escrita de mulher, Palavra de Mulher*. E creio que, ao fim e ao cabo, a coletânea mostra a cena de um tempo de muitas controvérsias, como são todas as fases de mutação. A poesia aparece como reflexo de vivências, numa sociedade de mudança de valores e de comportamentos, a mulher querendo deixar de ser objeto e procurando afirmar-se como sujeito.

Priscila Nogueira Branco – *Os anos 70 no Brasil foram marcados não só pela ditadura militar, mas também por uma nova onda do feminismo, que se alastrava internacionalmente. Lendo a “Apresentação” da antologia, observei uma crítica a esse movimento. O que pensa sobre o feminismo daquela época? A escolha por organizar uma antologia apenas com poetisas mulheres não foi, de certa forma, influenciada por essa onda feminista?*

Maria de Lourdes Hortas – Na apresentação de *Palavra de mulher* não critiquei, propriamente, o movimento feminista, mas, *en passant*, me referi aos *exageros*, ao *feminismo exacerbado*, por não acreditar então, como hoje ainda não acredito, nos extremismos de qualquer ordem. É claro que a “onda feminista” me atingiu. Seria impossível ignorá-la. No entanto, não escolhi as participantes por serem representativas da mesma. Os poemas é que as definiram. E mostraram as suas bandeiras.

Priscila Nogueira Branco – *Como foi feita a escolha das poetisas que participariam dessa antologia? Foi realizado algum tipo de pes-*

quisa curatorial? Há mulheres de diversos estados do Brasil. Como teve acesso a tantas escritas distantes de sua cidade?

Maria de Lourdes Hortas – Eu gostava muito de me corresponder com outros poetas. Como, aliás, ainda gosto, embora hoje a comunicação não seja mais pelo correio. Naquele tempo, escrevíamos cartas e trocávamos livros. Às vezes, eu era convidada para encontros de poesia, no meu Estado e fora dele. E fui conversando, encontrando poetas, outras foram me encontrando, os livros foram chegando, avalanches de livros... A curadoria foi minha. Fui lendo, separando aquilo de que gostava, confiando no meu *feeling*. Jeito empírico de organizar um trabalho que acabou dando certo. No início do livro, agradeço a alguns amigos que me ajudaram, sobretudo enviando nomes e endereços. Foi um ano de muito trabalho, até eu poder dar a antologia como fechada.

Priscila Nogueira Branco – *Muitas das poetisas presentes na antologia tinham mais de quarenta anos e já participavam ativamente da vida literária nacional, apesar de algumas terem vinte e poucos anos. Além de diversos livros publicados e prêmios recebidos, algumas também eram “ativistas literárias”, participando de movimentos poéticos de rua, ou eram editoras/colaboradoras de revistas. Foi uma escolha consciente buscar poetisas com uma escrita já consolidada e com livros já publicados? Também na apresentação do livro, você diferencia prático de inventivo, prosaico de poético, e real de sonho. Há, nessa colocação, uma crítica à geração de poetisas mais novas (reconhecidos como geração marginal no Rio), que tendia a ter uma escrita mais despreocupada com a questão formal e mais próxima do cotidiano? Existe algum tipo de escolha geracional em sua antologia,*

por conta de uma forma de escrita distinta daquela dos que começavam a escrever nos anos 70?

Maria de Lourdes Hortas – Como já disse acima, minha proposta foi apresentar uma *panorâmica* de como era a poesia escrita por mulheres no Brasil naquele final dos anos setenta. Por isso não houve escolha “geracional”. A diferença de idades, o fato de umas serem consagradas e outras não, tudo isso foi consciente. Fui desde Henriqueta Lisboa (1904), poeta mineira consagrada, obra consolidada, professora universitária, tradutora, membro da Academia Mineira de Letras – até Ametista Nunes, 30 anos, baiana ativista militante, sem livro publicado, liderando um grupo de teatro de ruas e participando de um grupo de novos poetas. E passando por Celina de Holanda, pernambucana, com vários livros publicados, de esquerda, ligada a movimentos católicos contra a ditadura; Adélia Prado, iniciando a carreira com brilho; Bruna Lombardi, atriz da Globo; Hilda Hilst, mulher de visão aberta, combativa, grande escritora; Eunice Arruda e Renata Palottini, ativistas feministas que diziam poesia nas praças de São Paulo; Lya Luft, do Rio Grande do Sul, hoje super conhecida como cronista; Kátia Bento, que se dedicava à arte postal, grande divulgadora de poesia, e todas as demais. Enfim, uma antologia eclética, para fazer um coral de mulheres, com vozes de muitos tons.

Quanto à pergunta que você me faz, sobre se o que eu disse no parágrafo inicial da minha apresentação, diferenciando “prático de inventivo, prosaico de poético, e real de sonho”, seria crítica aos poetas mais novos, marginais, quero dizer que de forma alguma foi essa a minha intenção. Na verdade, foi apenas uma forma de justificar a publicação de uma coletânea poética num tempo em que as

editoras recusavam esse tipo de publicação, porque não eram vendáveis e ficavam nas prateleiras. A coletânea foi paga pelas autoras: cada uma se comprometeu a comprar cinco exemplares e os demais foram vendidos em lançamentos, sem prejuízo para a Editora Fontana, do Rio de Janeiro. Edição de 1000 exemplares esgotada em 5 meses e não reeditada porque a editora foi desativada...

Como complemento à sua pergunta, quero acrescentar que andei de braços dados com a poesia marginal e movimentos alternativos. Fiz parte do movimento das Edições Pirata, no Recife, um movimento bem interessante, que vale a pena conhecer e que foi marco na época.

Priscila Nogueira Branco – *Quase na mesma época do lançamento de Palavra de mulher, Leila Mícolis lançava a antologia Mulheres da vida, também apenas com mulheres. Achei uma matéria comparando as duas antologias no jornal Diário de Pernambuco, de 1979. A antologia de Leila é apontada como “feminista”, enquanto a sua como “feminina”. Observando diversas matérias jornalísticas do ano, verifiquei que os dois livros tiveram boa repercussão. Você chegou a ter conhecimento da antologia de Leila? Existe mesmo essa diferenciação, na sua opinião, apontada pela matéria do jornal entre as duas antologias?*

Maria de Lourdes Hortas – Só soube da antologia da Leila quando a minha já estava pronta. E confesso que não me lembro por que a Leila Mícolis não entrou na minha. Ou por que não tivemos contato.

Sobre essa questão de *feminista* e *feminina*, acho que já respondi. A coletânea da Leila era bem específica, direcionada para uma ótica feminista. Já a minha era mais abrangente, sem preocupação com o movimento, embora estivesse ligada a ele,

pelo contexto histórico da época em que foi publicada. Basta dizer que, por conta disso, estive no México, em 1980, convidada para o Encontro de Mulheres Escritoras, onde pude falar do meu trabalho (Leila não foi). E também no Encontro de Mulheres nas Artes, em São Paulo, em 1980. E muitos outros, Brasil afora, e também em Lisboa, nos anos 90, ainda por conta desse trabalho.

Uma coisa interessante: as ilustrações de *Palavra de mulher* são muito feministas, feitas por um artista pernambucano, Márcio Roberto Salvador, amigo de Celina de Holanda. Ele fez as ilustrações depois de ler os originais da coletânea. Inclusive, eu queria uma dessas imagens na capa, mas o editor preferiu fazer uma coisa mais tradicional... Acabei cedendo.

Priscila Nogueira Branco – *Além de organizar a antologia (ou seja, de cumprir um papel editorial), você também é poeta e publicava seus escritos em jornais e revistas literárias. Como você enxergava, na época, a participação de mulheres nesses meios – literário, editorial e jornalístico? O fato de ser poeta e mulher também influenciou na sua vontade de organizar a antologia?*

Maria de Lourdes Hortas – Sim, claro, influenciou muito. As mulheres publicavam menos do que os homens nesses meios editoriais. E, por vezes, seus trabalhos eram minimizados. O olhar machista prevalecia sempre, em todas as áreas. Uma grande batalha, Priscila, – na literatura e na vida –, que ainda continua e é necessária.